

# POETAS DE MANGUINHOS II

Antenor Amâncio Filho  
Luiz Fernando Ferreira  
Pedro Teixeira  
ORGANIZADORES



## Silêncio das catedrais

Evocações de Alvinópolis (MG)

Virgínia Schall

Um planeta gira às escuras no universo,  
E nele, sou milionésima sombra  
sacralizada no silêncio da catedral.  
Súbito a música, um coral diáfano,  
ilumina minha presença em êxtase.  
Torno-me existente, concebo-me,  
solitária em meio à multidão imóvel.

Musiacordada,  
vibro e viajo em tons, em sons, em afeições,  
perambulo lembranças,  
evocações sonoras a exalar sentimentos enovelados.  
Mergulho no escuro de minhas saudades nuas,  
retorno à infância entre fumaça e incenso  
e reavivo mistérios das pequenas igrejas de minha cidade natal.  
A música, intensa, serena, sublime,  
preenche o silêncio rouco da catedral imensa,  
desliza suave no ritmo mágico de mãos,  
o maestro desenha em gestos a melodia  
que ecoa perene, trazendo a minha voz de menina anjo,  
o gosto das amêndoas doces das quermesses,  
o frio cálido das abençoadas festas de maio  
e o toque terno da calejada mão de minha vó  
não mais presente.

A catedral sempre foi inesperada,  
entre o esplendor de alturas, tal abóbadas celestes,  
e da fé, iluminura sacra de faces anônimas.  
Por dentro dela viajo como se em nave transcendente,  
tocha de luz, cometa, na cauda da música a espiralar-se,  
nela meu coração silencioso abre-se em asas de desejo  
ao descobrir-se viva, em arrepio, no solstício sonoro,  
no vendaval que arrasta estrelas céu afora  
em suspiro de flauta,  
pássaros em cio, madrigal renascentista,  
perfume noturno que na catedral celebra a vida  
e poliniza o infinito.

Enterneçada, viajo na música alada.  
Existir é um prelúdio sinfônico,  
minha manhã será dourada!

## Ida ou volta

Virgínia Schall

Antes de partir  
Já estou partida,  
Fendida em sentimentos e paisagens.  
Meus olhos ainda aqui  
Parecem em retorno  
E derramam saudade em cada objeto.  
Não sei estar nem ser presente:  
Amálgama de antes a derramar-se sobre o agora,  
Colagem de cenas, de rostos amados, de cheiros e atmosferas.  
Como ausentar-me do passado?  
Como desfazer-me desta melancolia fluída  
que lava permanentemente  
minha alma?  
Onde encontrar-me pura de um instante?  
Não me sei verdadeira, estou contaminada  
de tantos outros  
e de tantos rascunhos de mim mesma!

Busco passar-me a limpo e não encontro  
a pena, o papel, a tinta, a letra,  
a escrita.  
Tudo é provisório,  
Esboços e cópias lançados fora a cada minuto vivido,  
Imagem passageira em cena volátil.  
O tempo, tela abstrata de muitos eus sucessivos,  
De encontros e desencontros, de tentativas.  
O tempo, que me muda e transmuda,  
Leva-me em viagem, me traga e me lança.  
Assim, neste momento, sigo o fluxo:  
Em ida ou volta?  
Colhida na incerteza, deixo-me ir,  
Sem saber se estou em retorno  
Ou no começo de um novo caminho.  
O que não posso é parar,  
Em movimento vivo e revivo:  
sofro e me encanto,  
Existo.

## Solo noturno

Virginia Schall

Abro a porta da casa,  
Escura,  
O manto do sono recobre a vida  
Que pulsa quente no movimento único  
Da cena:  
A troca de passos em pontas de pés,  
Sussurros invadindo o silêncio sacralizado  
Do lar que dorme.

Fecho a porta, deixo suspenso o mundo lá fora,  
A chave na mão,  
A fechadura em mim.

Caminho pelo corredor e não sei quem sou,  
Estou aqui, final de século e milênio,  
Carregando questões desde muito antes de Sócrates  
E todas elas pulsam vermelhas, acorrentadas  
Na sombra do teto sem lua:  
Não saber é abrir-se a todas as possibilidades?  
Ou trancafiar-se à inconsciência do existir?

Uma opressão avoluma-se e ferve meu corpo,  
Então, abro a janela  
E a noite sopra carícias em minha face tensa.  
No correr do vidro que a mão liberta,  
O mundo retorna à casa.

Lá fora, a vida trafega a rua,  
Brilha nas luzes de bares e edifícios,  
Vibra na mistura de vozes  
Dos amantes e bêbados da madrugada  
Vida que se prepara orvalhada,  
Em vésperas de flores  
que abrirão com a manhã.  
Vida, que freme nas telejanelas piscando azuladas,  
Ecoa em violas, acordeons e atabaques  
Dos últimos músicos andarilhos.  
Lateja em abraços, viceja em beijos  
E renasce de corpos ardentes e entumecidos.

Saciada, devagar deslizo a janela de volta  
E colo minha face rubra ao vidro gélido.  
Agora aspiro o aroma da vida em mim,  
As questões ficaram aprisionadas no corredor,  
No minuto passado.

Me reencontro e me revivo no incenso de carícias sentidas,  
Na essência do amor entrevisto em fresta,  
Um dia,  
Brindando em mim, infinito, a nobreza de ser,  
De não precisar saber,  
Calando perguntas e borbulhando em festa  
O presente

Agora, apenas sou e sinto.  
Na janela recolho o espanto  
E por dentro grito:  
EXISTO!

## Monograma d'alma

(Ao meu avô e a outros personagens rurais de Minas)

Virginia Schall

O chapéu roto  
Sobre o espaldar tosco  
Da janela antiga  
Esculpe saudade  
A cabeça conformada  
Na curva da palha  
É memória do dono  
Distante  
Pó estelar na tarde

## Sagrado pão

Virginia Schall

Todos os dias igualmente  
Ponho-me à mesa  
Para saciar a Vida,  
Mas é como se a Vida nunca se saciasse,  
Nem o corpo, ungido em água, regado a pão,  
Nem minh'alma, entranha mística, inteira questão.  
Pois a Vida, voraz, pergunta,  
E no espaço do ventre, não há resposta,  
Há renascer da Vida.  
No labirinto do corpo escondem-se mistérios,  
Gozos, martírios, sonhos e sentimentos,  
Viajando em sangue, que apenas veículo, arde desejos  
E incendeia fantasias de eras antigas e futuros distantes.

O sangue circula o corpo rememorando mundos;  
O sangue reclama o pão, mas não sossega,  
Porque a alma flui e reflui incendiando idéias.  
A alma, que à frente do pão não vê alimento, pensa,  
E pensando, viaja pelo tempo, flutua sozinha,  
Passeia por atalhos em busca de compreensão.

O sangue, vermelho vivo, natural,  
Argamassa arquitetada em água e pão  
A nutrir a escultura que a Vida desenha em mim:  
Vaso quebradiço a sonhar eternidade,  
Olhando triste o sol imenso, girassol da tarde,  
Arrematando mais um dia na sombra do horizonte.

E à mesa retorno, sendo corpo, sou sangue, sou água, sou pão,  
Pão sagrado, pão que somos todos e em que todos nos fizemos,  
Pão que é pura natureza no encontro da terra com a humana mão.

